

# Surgimento e trajetória do Estado Islâmico

## Emergence and trajectory of the Islamic State

Cláudio Júnior Damin\*

Boletim Meridiano 47 vol. 16, n. 148, mar.-abr. 2015 [p. 26 a 33]

O Estado Islâmico (EI) tem se tornado, cada vez mais, uma preocupação e ameaça a diversos governos do Ocidente e Oriente Médio. Para alguns Estados, particularmente o iraquiano e o sírio, as atividades do grupo já se tornaram uma ameaça existencial. O Estado Islâmico também parece estar se introduzindo na Líbia e na Tunísia. Uma coalizão de países ocidentais, com participação de forças regulares de países inclusive do Oriente Médio, desde meados de 2014 tenta enfraquecer o grupo no Iraque e na Síria a partir de ataques aéreos a instalações pertencentes ao EI em diversas localidades da região.

O EI é, hoje, uma organização muito mais complexa do que foi, por exemplo, a Al-Qaeda de Osama bin Laden. Hoje o EI governa cidades, possui fontes geradoras de recursos financeiros próprios, uma burocracia e forças irregulares numerosas, parte delas formada por estrangeiros, além de contar com uma estratégia de divulgação universal de seus atos, tais como a decapitação de jornalistas e reféns estrangeiros, além de punições bárbaras àqueles que transgridam a lei islâmica.

A partir desse contexto, o objetivo do artigo é analisar o surgimento e a trajetória do Estado Islâmico na tentativa de compreender como um grupo terrorista tem concentrado a atenção da comunidade internacional a ponto de forjar uma coalizão de países tão diferentes para destruí-lo. Busca-se proporcionar uma visão suficientemente ampla para um melhor entendimento desta “nova” ameaça ao sistema internacional ainda baseado no paradigma do Estado-nação.

Cumprir destacar, primeiramente, que o que hoje conhecemos como o grupo Estado Islâmico é o resultado de um processo de incessantes mudanças no cenário *jihadista* no Oriente Médio. Essas mudanças se sucedem particularmente após os atentados terroristas de Onze de Setembro de 2001 em solo norte-americano e as respostas da administração republicana de George W. Bush como as intervenções militares no Afeganistão (2001) e Iraque (2003) sob o pretexto, dentre outros, de conter o avanço do terrorismo associado a uma interpretação radical do islamismo.

Para uma adequada compreensão do surgimento do EI é preciso mencionar o seu precursor que iniciou essa busca pela meta de estabelecer um califado universal para os muçulmanos. Essa figura-chave é o jordaniano Abu Musab al-Zarqawi.

Condenado a cumprir uma sentença de quinze anos de prisão em seu país, Zarqawi permaneceu por cinco anos encarcerado e, liberto em 1999, se mudou para o Afeganistão. No país comandado pelos talibãs, Zarqawi estabeleceu contato com lideranças do grupo terrorista Al-Qaeda, então liderado por Osama bin Laden. O grupo concedeu uma espécie de autorização para que ele estabelecesse um campo de treinamento de terroristas

\*\* Departamento de Ciência Política, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), São Borja, Rio Grande do Sul (superdamin@terra.com.br).

no país que, conforme classificado pelo ex-presidente George W. Bush em 2001, havia se transformado em um “santuário” para os seguidores do islão radical.

Zarqawi, à época, fundou seu próprio grupo *jihadista* denominado de Jund al-Sham e cujos treinamentos eram efetivados no campo afegão com a anuência da Al-Qaeda, então protegida pelo governo dos talibãs. Passados alguns meses de sua fundação, o grupo de Zarqawi passou a se chamar Jama Jama'at al-Tawhid wa al-Jihad (JTWJ), sendo composto principalmente por jordanianos e palestinos (LISTER, 2014). No ano de 1999, por exemplo, a organização de Zarqawi foi responsável por ataques terroristas em locais turísticos na Jordânia.

Em 2003, quando do início da intervenção anglo-americana no Iraque, o grupo de Zarqawi já estava organizado em solo iraquiano, mais precisamente na cidade de Biyara, em uma província curda. A JTWJ teria um papel fundamental na insurgência local contra a permanência das tropas norte-americanas no Iraque pós-Saddam Hussein. Na primeira semana de agosto de 2003, por exemplo, a organização de Zarqawi assumiu a autoria de três ataques terroristas de monta em Bagdá. O primeiro deles foi a detonação de um carro-bomba na frente da embaixada da Jordânia, com outros dois veículos tendo sido explodidos em frente às instalações da ONU no Iraque e em uma mesquita xiita. Esses ataques são considerados os primeiros - de milhares de outros que ocorreriam nos anos seguintes à invasão - atos de insurgência de grupos *jihadistas* domésticos contra a intervenção militar estrangeira no Iraque (LISTER, 2014).

O fato de um carro-bomba ter sido detonado em uma mesquita xiita era, desde já, revelador do pensamento que animou Zarqawi desde o início da insurgência. Em seus escritos o líder da insurgência sempre se colocou como sendo anti-xiita, segundo uma tradição ideológica e interpretativa do islão. Ele inclusive se refere aos xiitas como *rafida*, um termo depreciativo para esse grupo. É claro, em seu pensamento, a ideia de que os muçulmanos apenas teriam vitória ou superioridade caso fossem aniquilados judeus, cristãos e os agentes apóstatas do islamismo, ou seja, os *rafida*.

Nesse ponto é importante lembrar que Zarqawi é de origem sunita. Isso porque, conforme Zimmerman (2013), quase a totalidade dos grupos terroristas que passaram a operar na região do Oriente Médio após o Onze de Setembro eram ou são formados por lideranças sunitas, florescendo, assim, particularmente em áreas habitadas por sunitas. No caso do Iraque os sunitas são minoritários, porém estavam representados no governo através do ditador Saddam Hussein, ele próprio um sunita de Tikrit. Com o fim do regime de Saddam os sunitas perderam muito de seu poder no país.

A estratégia de insurgência de Zarqawi possuía um foco político muito claro. Segundo destacou Lister (2014, p. 7, tradução nossa), “Zarqawi acreditava que sua organização poderia aproveitar o caos resultante [da invasão] e lançar-se como o defensor da comunidade sunita e para dar início ao estabelecimento de um estado islâmico”. Com seus ataques crescentes entre 2004 a 2006, o grupo de Zarqawi se tornou, no Iraque pós-Saddam, o grupo insurgente mais relevante, inclusive com amplas relações com a rede internacional de organizações *jihadistas* sunitas.

Essa capacidade de coletar dividendos políticos com a invasão no Iraque foi, em grande medida, conseguida com uma aliança entre a JTWJ e a Al-Qaeda. Essa aliança foi estabelecida em setembro de 2004, passando a organização a ser chamada de Al-Qaeda no Iraque (AQI), constituindo-se em um grupo terrorista afiliado ao núcleo da Al-Qaeda baseado na liderança de Osama bin Laden (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2015). Saliente-se, nesse ponto, que uma das questões a cimentar a união desses dois grupos fora a meta comum de estabelecer um califado com jurisdição universal sobre os muçulmanos. A criação desse estado islâmico baseado na *sharia* continua, pois, sendo o objetivo manifesto do que hoje conhecemos como Estado Islâmico e também da Al-Qaeda.

Em 2006 a Al-Qaeda no Iraque parece apenas se fortalecer. Em janeiro a ela se uniram outros cinco grupos insurgentes iraquianos forjando uma coalizão *jihadista* de insurgência contra a presença militar anglo-americana

no Iraque (LISTER, 2014). A violência sectária entre sunitas e xiitas também atingiu números elevados nesse ano, os mais altos desde o início da intervenção em 2003.

Um episódio significativo dessa escalada de violência dos insurgentes foi o ataque à Grande Mesquita da cidade de Samarra, ao norte de Bagdá e frequentada pelos xiitas (WORTH, 2006). A bomba introduzida pela AQI destruiu a cúpula de um dos mais importantes santuários xiitas do Iraque. O ataque não foi capaz de produzir mortos ou feridos, porém sua mais importante consequência foi a de despertar a fúria dos xiitas que passaram a retaliar mesquitas sunitas ao redor do país, matando ao menos quinze pessoas.

A violência sectária, dali para frente, iria assumir contornos dramáticos, agudizando o caos no país. Tratava-se, em boa medida, de um cenário favorável aos objetivos de Zarqawi. Ao polarizar ainda mais os grupos muçulmanos no Iraque ele se colocaria, por um lado, como o grande defensor dos sunitas e, por outro, como o grande combatente dos ocidentais e xiitas apóstatas.

Zarqawi, no entanto, morreu no dia 07 de junho de 2006 em um ataque aéreo norte-americano na cidade de Baqubah. Menos de uma semana após ter seu líder neutralizado a AQI anunciou o novo líder do grupo, uma figura até então desconhecida da inteligência norte-americana chamado Abu Ayyub al-Masri (KAPLAN, 2006).

Em novembro de 2006 a coalizão de grupos que formava a Al-Qaeda no Iraque anunciou o estabelecimento de um Estado Islâmico do Iraque (ISI, em inglês), chamado em árabe de al-Dawla al-Islamiya. O líder dessa nova organização *jihadista* seria Abu Omar al-Baghdadi. Muhajir, o antigo líder da AQI, jurou lealdade ao novo líder sunita. Essa mudança de denominação do grupo possuía um significado importante, a saber: “destinava-se a representar uma evolução qualitativa, na qual um grupo rebelde se transforma em um ator político-militar responsável por governar territórios” (LISTER, 2014, p. 9, tradução nossa).

O grupo terrorista, no final de 2006, parecia estar conseguindo estabelecer seu *califado*, uma vez que apresentava facilidade em recrutar soldados para sua milícia, governava cidades e seus ataques terroristas demonstravam a capacidade de grupos radicais locais desestabilizarem a tentativa das forças norte-americanas de estabelecer um novo governo, leal à América, ao Iraque. Era, inclusive, voz corrente entre os analistas de política internacional, os independentes ou aqueles ligados à Casa Branca, que a guerra estava perdida para os Estados Unidos.

Os números coligidos ao longo de 2006 e o primeiro semestre de 2007 deixavam claro que havia, no Iraque, uma guerra civil que as tropas anglo-americanas se mostravam incapazes de conter. Bagdá, em especial, acompanhava uma espiral de violência sectária a vitimar civis, milicianos e militares da coalizão ocidental. Em dezembro de 2006, por exemplo, segundo o relatório do general Petraeus (2007), o número de civis iraquianos mortos ultrapassou os 3.000, sendo que destes mais de 2000 se concentravam na capital do país. E, em março de 2007, o número de ataques com explosivos chegou perto dos 3.400, com algo em torno de 1.000 deles apenas em Bagdá. Também em março, quase 120 carros bombas foram explodidos no país. A violência sectária, a opor o ISI (ex-AQI) e milícias xiitas, vale destacar, restava concentrada nas províncias de Salah ad Din, Anbar, Ninewah e em Bagdá.

Algo – e com urgência – deveria ser feito por Washington. É nesse contexto de derrota iminente que o neoconservador Frederick Kagan, vinculado ao *American Enterprise Institute*, escreve um relatório sobre a situação no Iraque e as possibilidades de reverter a situação constrangedora criada pelos próprios Estados Unidos. O ponto principal de Kagan (2007) é o de que o crescimento da violência desde o ataque à Grande Mesquita xiita no início de 2006 empurrou o país para uma guerra civil sectária em que a insegurança passou a grassar nas cidades, particularmente em Bagdá. Antes segura, a capital teria se tornado o epicentro da insurgência de grupos rebeldes que não reconheciam o governo estabelecido, lutando por sua soberania. Essa insegurança passou a atingir diretamente a população civil, operando uma erosão da legitimidade do governo aos olhos do cidadão iraquiano comum.

O erro norte-americano, a saber, teria sido o seu abandono à população que, deixada à mercê, acabava sendo oprimida pelos grupos insurgentes radicais. Com a população desprotegida seria impossível às tropas norte-americanas conquistar o apoio dos iraquianos. Para aproximar as forças temporárias de ocupação aos civis seria necessário promover uma inflexão na estratégia militar (que deveria passar da proteção às instalações militares para a proteção das comunidades) e um aumento no número de tropas norte-americanas no Iraque. Sabe-se que esse relatório de Kagan (2007) foi lido pelo presidente George W. Bush.

A troca do comando das forças multinacionais presentes no Iraque foi, nesse sentido, fundamental para reverter o quadro de guerra civil generalizada. Washington apontou o general David Petraeus como novo comandante, vindo ele a operacionalizar uma nova estratégia na guerra. Autor de um manual já clássico de contra insurgência, a estratégia de Petraeus tinha como foco a população, sua proteção e compreensão de suas demandas. “Também aprendemos que a única maneira de proteger a população é viver com ela”, escreveu (PETRAEUS, 2010, p. 1, tradução nossa).

Em um momento particularmente desfavorável do ponto de vista da opinião pública doméstica o presidente George W. Bush anunciaria, em janeiro de 2007, o envio de um reforço de 30 mil soldados ao Iraque. Esse acréscimo de tropas ficou conhecido como “Surge”, sendo reconhecido como o ponto de inflexão para a redução da violência sectária pelo país e particularmente nos arredores de Bagdá (PETRAEUS, 2007).

Antes, porém, do Surge, internamente lideranças iraquianas se mobilizavam no sentido de conter o avanço do ISI o território do país. Aos poucos o ISI passou a ser rejeitado, além de naturalmente pelos xiitas, também pela população sunita que se encontrava sob domínio dos *jiadistas* em cidades iraquianas. As práticas de violência do grupo e sua estrita interpretação e aplicação da lei islâmica nas comunidades em que ele se estabeleceu como soberano do território aos poucos erodiu o apoio de líderes tribais ao ISI. A esse processo denominou-se de *Sunni Awakening*, o Despertar Sunita, na tradução para o português. Na definição de Al-Jabouri e Jensen (2010, p.1 tradução nossa) “O Despertar Sunita é a revolta iraquiana contra a AQI, em que os árabes sunitas formaram uma parceria com as forças dos EUA para lutar contra um inimigo comum”.

Oficialmente o Despertar dos sunitas ocorreu a partir da aliança entre oficiais norte-americanos e lideranças tribais da província iraquiana de Anbar em setembro de 2006 (BIDDLE, FRIEDMAN AND SHAPIRO, 2012). Um de seus artífices foi o sheik Abdul Sattar que declarou guerra contra a Al-Qaeda no Iraque assinalando que o grupo, e não os norte-americanos, eram os verdadeiros invasores do Iraque (AL-JABOURI AND JENSEN, 2010). Esse exemplo do líder tribal foi seguido por outros, o que resultou em um decréscimo rápido da violência sectária no Iraque em meados de 2007, uma nova relação entre as tropas internacionais e a população iraquiana e o desmantelamento do poder das lideranças e militantes ligados ao ISI. O sunita Sattar chegou, inclusive, a empreender viagens a comunidades xiitas do Sul do país para articular a aliança dos líderes tribais às forças da coalizão.

Com o *Awakening* e o *Surge*, além do programa *Sons of Iraq*, que oferecia pagamento mensal a sunitas em áreas com grande presença de extremista do ISI para que formassem um corpo paramilitar, conseguiu-se estabelecer um governo razoavelmente estável, uma vez que a violência sectária entre sunitas e xiitas reduziu-se de modo significativo (BOOT, 2013).

Entre meados de 2007 e 2011 a Al-Qaeda no Iraque, ou o Estado Islâmico do Iraque, viveu um período de ocaso em função da proliferação de seus inimigos – sunitas e xiitas – e pela rejeição da população a seus métodos de “governo”. Segundo o *Iraq Body Count*, que possui um banco de dados com as baixas relacionadas à violência no país, a média de mortes entre setembro de 2010 e dezembro de 2011 foi de 300-400, o que pode ser considerado, para o Iraque, como um nível “normal” de violência (LEWIS, 2013).

Coube ao ISI adaptar-se às novas condições, o que fez já em 2008 concentrando seu núcleo diretivo na cidade de Mosul, cidade populosa e de maioria sunita (LISTER, 2014). Mesmo em condições adversas, o ISI apostou

em uma campanha informativa no Iraque enfatizando a legitimidade do projeto de criação de um califado. O grupo buscava, pois, reconquistar o apoio popular perdido após o *Awakening* e a mudança de estratégia das forças norte-americanas.

Pontue-se que tanto Masri (o antigo líder da AQI) quanto Baghdadi (o líder do ISI) foram mortos em um ataque conjunto de militares norte-americanos e iraquianos em abril de 2010. Após essas perdas, Abu Bakr al-Baghdadi assumiu o controle do Estado Islâmico do Iraque, sendo hoje considerado o califa do Estado Islâmico (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2015).

Esse período de enfraquecimento do ISI marca, igualmente, um tempo de importante estabilidade política no país sob o governo do primeiro ministro Nouri Kamel al-Maliki. Responsável pelo governo de transição, Maliki, que é xiita, elegeu-se em 2006 e foi reeleito em 2010, governando até 2014. Seu governo, no entanto, pode ser dividido em duas fases, sendo marco a retirada das tropas norte-americanas no final de 2011.

Várias situações iriam mudar após a retirada das forças norte-americanas no último trimestre de 2011. A primeira delas foi uma guinada autoritária de Maliki que deliberadamente excluiu sunitas e curdos da participação no governo do país. O premiê, ainda em dezembro de 2011, prendeu e torturou guarda-costas do vice-presidente sunita Tariq al-Hashemi sob a acusação de que estavam apoiando grupos terroristas domésticos (LEWIS, 2013). O político sunita viu-se obrigado a fugir do país (permanece atualmente na Turquia), tendo sido sentenciado *in absentia* à morte em setembro de 2012. Representativo de seu autoritarismo foi a resposta do governo a manifestações que irromperam nas províncias sunitas das regiões Norte e Oeste, episódio em que as forças de segurança iraquianas reprimiram os protestos.

O governo começou, novamente, a perder legitimidade interna, resultado em um aumento da violência sectária. Mais que isso: esse governo excludente das minorias, particularmente a sunita, abriu caminho para que ocorresse uma revitalização dos grupos terroristas no país, dentre os quais o Estado Islâmico do Iraque. Mais à frente, em abril de 2014, o governo de Maliki integrou as milícias xiitas às forças de segurança regulares do país, medida que teve consequência o afastamento ainda maior da minoria sunita do governo sediado em Bagdá (ZIMMERMAN, 2013). Forjou-se novamente, portanto, a partir dessa inflexão na política doméstica após a retirada dos Estados Unidos, um ressentimento dos grupos que não se sentiam legitimados pelo governo. Esse afastamento dos sunitas do governo pode ser considerado como um erro tão grave quanto o equívoco do desmantelamento do Exército Iraquiano pela administração de George W. Bush em 2004. Adicionalmente, essa falta de legitimidade interna do governo de Maliki fez com que ocorresse a proliferação de novos grupos contrários à Bagdá que aceleraram a insurgência.

Cumprе salientar que, conforme apontou Lister (2014), com o passar do tempo estabeleceu-se “um divórcio gradual” entre a Al-Qaeda e o Estado Islâmico do Iraque, com a relação se deteriorando significativamente entre 2010 e 2011. Aos poucos o ISI deixou de ser uma organização afiliada da Al-Qaeda e reconhecida por seu *emir*. Em fevereiro de 2014 a Al-Qaeda anunciou oficialmente que o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS, em inglês), conforme era conhecido naquele então, não era mais um afiliado seu. “ISIS não é um afiliado do grupo Al-Qaeda, não temos nenhum relacionamento organizacional com ele, e o grupo não é responsável pelas suas ações”, declarava o comando da organização no Paquistão (AL-QAEDA *apud* ZELIN, 2014, p. 1, tradução nossa).

Em meados de 2010, conforme Lister (2014), dos 42 líderes mais graduados do ISI, 34 ou haviam sido mortos ou capturados. Dentro dessas condições e no esforço de reorganização do grupo após a retirada das forças norte-americanas, o ISI iniciou uma campanha de ataques a penitenciárias iraquianas cujo objetivo era a libertação de seus antigos membros. Denominada de *Breaking the Walls*, essa operação se estendeu entre julho de 2012 a igual mês de 2013 compreendendo 24 ataques com carros-bomba, além de 8 ataques a prisões (LEWIS, 2013). A partir de 2013 o ISI iniciou outra campanha denominada de “Soldier’s Harvest” que tinha o objetivo de atacar as forças militares de segurança iraquianas.

A antiga Al-Qaeda no Iraque, nesse momento, estava ressurgindo, voltando a ter capacidade para abalar as capacidades das forças de segurança iraquianas. Muitos dos líderes tribais sunitas, responsáveis pelo *Awakening*, foram assassinados pelo grupo, uma vez que não contavam mais com a proteção das forças norte-americanas. O grupo liderado por Baghdadi também se beneficiou do vácuo de poder propiciado no Oriente Médio pela Primavera Árabe e expandiu sua atuação também à Síria, lutando contra o regime de Bashar al-Assad. A partir de 2013 o grupo foi rebatizado para Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL, na sigla em inglês), momento em que ocorre um definitivo afastamento com o núcleo da Al-Qaeda sediado no Paquistão e uma quebra de relações com a organização terrorista Jabhat al-Nusra com atuação na Síria e até hoje afiliada da Al-Qaeda (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS, 2015).

Sob a liderança de Baghdadi o ISIL começou a ganhar terreno tanto na Síria quanto no Iraque, transformando-se no principal grupo insurgente do Oriente Médio da atualidade. O califado estabeleceu como sua capital a cidade de Raqqa, na Síria, sob domínio dos extremistas desde julho de 2014, local onde supostamente encontra-se o califa. Em junho do mesmo ano o ISIL tomou o controle de Mosul (mas não de sua represa estratégica), uma cidade com população estimada em mais de 1,5 milhão de habitantes. É interessante notar que, a partir do controle de cidades inteiras na Síria e no Iraque, o ISIL adquiriu uma capacidade de financiar toda sua burocracia e corpo militar. Em Mosul, por exemplo, o dinheiro do banco da cidade foi confiscado, além de haver a exploração de poços e refinarias de petróleo que são vendidos no mercado negro. O ISIL, onde governa, também cobra impostos e taxas dos moradores, muitos deles baseados na lei islâmica.

Um dos acontecimentos mais relevantes na trajetória do grupo foi o anúncio da criação de um Estado Islâmico no final de junho de 2014. O texto, distribuído pelo relações públicas da organização, denomina-se “This is the Promise of Allah”, sendo fartas as referências religiosas, sobretudo como fonte legitimadora da instauração de um Estado Islâmico. O panfleto sustenta que a promessa de Alá, a partir da instauração do islão, foi a transformação dos árabes em irmãos, situação distinta daquela antes da religião em que os árabes seriam desunidos e vivendo em permanente conflito. Trata-se, aqui, da própria formação da *ummah* (nação) conforme o sagrado desígnio de Alá. “Aqui, a bandeira do estado islâmico se levanta e vibra”, diz o documento, “de Aleppo [na Síria] à Diyala [no Iraque]”, complementa (PROMISE OF ALLAH, 2014, p. 4, tradução nossa).

A partir das palavras de Alá, profetas e doutores do islamismo o panfleto do ISI declara que governantes e juízes serão nomeados, cortes serão estabelecidas, a lei islâmica aplicada com esmero e as taxas religiosas previstas serão coletadas. Na tradução prática, “é o califado” (PROMISE OF ALLAH, 2014, p. 5, tradução nossa). Além de resolver “anunciar o estabelecimento do califado islâmico”, ocorre também a “nomeação do califa dos muçulmanos” (*IDEM*, p. 5, tradução nossa). Abu Bakr al-Baghdadi é nomeado califa, o chefe supremo dos “muçulmanos de todo o lugar”, uma vez que ele seria, segundo o documento, descendente da família do Profeta e, por isso mesmo, legitimado a sucedê-lo no empreendimento da *umma*. Não haveria qualquer base legal para que os muçulmanos não apoiem o estabelecimento do califado, com todos os muçulmanos do mundo devendo jurar lealdade ao califa.

Essa nomeação teve uma consequência importante, uma vez que, conforme o texto, “o “Iraque e Síria” no nome do Estado Islâmico é doravante removido de todas as deliberações oficiais e comunicações, e o nome oficial a partir da data dessa declaração é Estado Islâmico” (PROMISE OF ALLAH, 2014, p. 5, tradução nossa). O Estado Islâmico do Iraque e da Síria, ou do Levante, passaria a partir daquele momento a ser chamado unicamente de Estado Islâmico<sup>1</sup> (EI).

1 A imprensa em geral e a literatura especializada continuam, no entanto, chamando o Estado Islâmico como Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS), Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) ou, ainda, como Al-Qaeda no Iraque (AQI).

Ato contínuo, foi decidido que “a legalidade de todos os emirados, grupos, estados e organizações, torna-se nula pela expansão da autoridade califado e chegada de suas tropas para as suas áreas” (PROMISE OF ALLAH, 2014, p. 5, tradução nossa). Esse ponto é importante porque o EI reforça um objetivo que já fora o mesmo da Al-Qaeda, ou seja, a erosão das atuais fronteiras dos estados do Oriente Médio a fim de instituir um califado baseado na lei islâmica. Ao transformar-se em Estado Islâmico, o grupo, para se transformar efetivamente em Estado precisaria desestabilizar os atuais regimes da região, o que faz com que ele deva ser mesmo considerado como uma ameaça existencial a quaisquer governos com população muçulmana. A partir disso, a necessidade de atuar na *jihad* também é reforçada devendo os soldados recrutados pelo EI serem “os defensores e guardas da terra do Islão” (PROMISE OF ALLAH, 2014, p. 8, tradução nossa).

Desde agosto de 2014, depois, portanto, do anúncio da criação do Estado Islâmico, os Estados Unidos realizam ataques aéreos a posições do grupo na Síria e no Iraque. Os norte-americanos formaram uma coalizão para combater o EI agregando países europeus e também da região do Oriente Médio. O EI, ao que tudo indica, parou de avançar do ponto de vista territorial e suas fontes de financiamento estão sendo saturadas. Milhares de estrangeiros, no entanto, continuam afluindo à Síria para combater junto aos extremistas, havendo renovação em seus contingentes. Muitos desses estrangeiros, aliás, já voltaram a seus países, se tornando ameaças terroristas em potencial.

A trajetória da Al-Qaeda no Iraque até tornar-se o Estado Islâmico mostra que essa organização é um desafio de monta para o Ocidente e também para os países do Oriente Médio. Mais do que uma simples organização terrorista sunita, o EI se transformou em um grupo insurgente, com milícia significativa e com pretensões territoriais. As soberanias estatais, na região, parecem estar ameaçadas por esse grupo que, com razoável taxa de sucesso, consegue obter ganhos territoriais a partir da exploração do sectarismo entre xiitas e sunitas e da precariedade das capacidades estatais do Iraque e da Síria.

## Referências bibliográficas

- AL-JABOURI, Najim Abed; JENSEN, Sterling. The Iraqi and AQI roles in the Sunni Awakening. Prism, v. 2, p. 3-18, 2010.
- BIDDLE, Stephen; FRIEDMAN, Jeffrey A.; SHAPIRO, Jacob N. Testing the surge: Why did violence decline in Iraq in 2007?. International Security, v. 37, n. 1, p. 7-40, 2012.
- BOOT, Max. Invisible Armies: An Epic History of Guerrilla Warfare from Ancient Times to the Present. WW Norton & Company, 2013.
- KAPLAN, Eben. Abu Hamza al-Muhajir, Zarqawi's Mysterious Successor (aka Abu Ayub al-Masri). Council on Foreign Relations, June 6, 2006. Disponível em: <http://www.cfr.org/iraq/abu-hamza-al-muhajir-zarqawis-mysterious-successor-aka-abu-ayub-al-masri/p10894>. Acesso em: 11/março/2015.
- LEWIS, Jessica. Al-Qaeda in Iraq Resurgent. Washington, DC: Institute for Study of War, 2013. Disponível em: <http://docs.house.gov/meetings/fa/fa18/20131212/101591/hhrg-113-fa18-wstate-lewisj-20131212.pdf>. Acesso em: 10/fevereiro/2015.
- LISTER, Charles. Profiling the Islamic State. Brookings Doha Center Analysis Center Number 13. November 2014. Disponível em: [http://www.brookings.edu/~media/Research/Files/Reports/2014/11/profiling%20islamic%20state%20lister/en\\_web\\_lister.pdf](http://www.brookings.edu/~media/Research/Files/Reports/2014/11/profiling%20islamic%20state%20lister/en_web_lister.pdf). Acesso em: 10/janeiro/2015.
- MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS. The Islamic State. Stanford University, 2015. Disponível em: <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/1#note82>. Acesso em: 10/março/2015.

- PETRAEUS, David H. Report to Congress on the Situation in Iraq. ASSISTANT SECRETARY OF DEFENSE (PUBLIC AFFAIRS) WASHINGTON DC, 2007. Disponível em: <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a473579.pdf>. Acesso em: 20/janeiro/2015.
- PETRAEUS, General David. Counterinsurgency concepts: what we learned in Iraq. *Global Policy*, v. 1, n. 1, p. 116-117, 2010.
- PROMISE OF ALLAH. ISIS Spokesman Declares Caliphate, Rebrands Group as “Islamic State”. June 29, 2014. Disponível em: <https://news.siteintelgroup.com/Jihadist-News/isis-spokesman-declares-caliphate-rebrands-group-as-islamic-state.html>. Acesso em: 20/janeiro/2015.
- WORTH, Robert. Blast at Shiite Shrine Sets Off Sectarian Fury in Iraq. *New York Times*, feb 23, 2006. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2006/02/23/world/23iraq.html?pagewanted=all&\\_r=1&](http://www.nytimes.com/2006/02/23/world/23iraq.html?pagewanted=all&_r=1&). Acesso em 09/março/2015.
- ZELIN, Yaaron. Al-Qaeda Disaffiliates with the Islamic State of Iraq and al-Sham. The Washington Institute, Feb 4, 2014. Disponível em: <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/al-qaeda-disaffiliates-with-the-islamic-state-of-iraq-and-al-sham>. Acesso em: 08/março/2015.
- ZIMMERMAN, Katherine. The Al Qaeda Network: A New Framework for Defining the Enemy. *Critical Threats*, September 2013. Disponível em: <http://www.criticalthreats.org/al-qaeda/zimmerman-al-qaeda-network-new-framework-defining-enemy-september-10-2013>. Acesso em: 06 de janeiro de 2015.

## Resumo

O artigo descreve o surgimento e a trajetória do grupo insurgente chamado de Estado Islâmico, analisando suas transformações ao longo do tempo. Ex-afiliado da Al-Qaeda no Iraque, essa organização terrorista possui pretensões estatais, governa territórios, mantém um exército irregular e é considerada uma ameaça existencial aos países do Oriente Médio.

## Abstract

The article describes the emergence and trajectory of the insurgent group called the Islamic State, analyzing its transformations over time. Former affiliate of al-Qaeda in Iraq, this terrorist organization claims to be a state, governs territories, keeps an irregular army and is considered an existential threat to Middle East countries.

**Palavras-chave:** Segurança internacional; Terrorismo; Estado Islâmico

**Key words:** International Security; Terrorism; Islamic State

Recebido em 03/04/2015

Aprovado em 30/04/2015